

ELEIÇÕES

Aceno a prefeitos em clima de campanha

Em evento com gestores municipais, presidente destaca ter sancionado a Lei de Improbidade Administrativa e sustenta que no seu governo todos eles são bem tratados

» CRISTIANE NOBERTO
» DEBORAH HANA CARDOSO

ED ALVES/CB/D.A.Press



Bolsonaro voltou a criticar o STF e disse que a liberdade de expressão é inegociável

O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou, ontem, que tem um “quase perfeito alinhamento com a Câmara e o Senado” e que vem trabalhando com o Legislativo para aprovação de pautas. “Em poucas coisas divergimos, mas é normal na democracia”, discursou, na abertura da 23ª Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios, ocorrida ontem, na capital federal, com a presença de prefeitos e vereadores.

Em clima de campanha, Bolsonaro afoagou os gestores ao mencionar ter sido muito criticado pela sanção da Lei de Improbidade Administrativa. “Mas tenho certeza de que trabalhamos, com a Câmara e o Senado, para que os senhores tenham mais tranquilidade de trabalhar”, frisou. “Estou aqui desde 1991, sei como eram tratados e como é hoje em dia. E os senhores retribuem isso para conosco, isso contribui para o futuro, não só do município, mas do Brasil.”

Fundador e presidente da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), Paulo Ziulkoski, fez coro a Bolsonaro. Segundo ele, há alguns anos, os prefeitos eram desrespeitados e “recebidos como cachorros”. “Prefeito era sinônimo de mendigo. Antes, a gente tinha de se humilhar no Salão Verde (do Congresso Nacional)”, frisou. Ele também mencionou a Lei de Improbidade Administrativa. “Antes, quem queria ser prefeito no Brasil?” De acordo com a lei, para punir um gestor tem de comprovar a intenção dele de cometer crime contra a administração pública.

Ao **Correio**, o prefeito de Camanducaia (MG), Rodrigo Oliveira (MDB), afirmou que a região é bolsonarista. Questionado



Fui muito criticado pela sanção da Lei da Improbidade Administrativa, mas tenho certeza de que trabalhamos (...) para que os senhores tenham mais tranquilidade”

Jair Bolsonaro, presidente da República

sobre a pré-candidatura ao Planalto da senadora Simone Tebet, do mesmo partido dele, foi enfático: “Vamos trabalhar para que chegue o nome dela, mas o eleito é de Bolsonaro. Na realidade, para mim, o nome dela é uma surpresa, vamos ouvi-la. Ainda não decidi se sou Tebet ou Bolsonaro”.

Já para o prefeito de Santa Terezinha (PB), Arimateia Camboim (Republicanos), a tendência de sua região é de optar pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ele disse, no entanto, que se mantém neutro, mesmo que seu partido seja vinculado à base do governo. “Não só eu, mas os prefeitos estão

aguardando a decisão dos deputados (federais), mas na minha cidade a tendência é Lula”, disse. O gestor, no entanto, fez elogios a Bolsonaro. “Estamos bem servidos de emendas, de governo. O presidente da República tem nos ajudado nas gestões municipais, mas a população está batendo de frente.”

Bolsonaro aproveitou o evento para atacar novamente o Supremo Tribunal Federal (STF) por causa da condenação do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ). “Não podemos admitir que alguns de nós, que podem ter certos poderes, interfiram no destino da nossa nação”, sustentou. Ele mencionou novamente que a liberdade de expressão é um direito “inegociável”.

evangélico com alguns pastores” e que eles nunca foram tão respeitados quanto no seu governo.

Ele ainda disse que Bolsonaro não acredita em Deus e que as ações dele não condizem com as de um cristão. “Olha nos olhos dele quando ele fala em Deus. Aquilo é uma peça eleitoral, que ele tramou com outros pastores”, disparou.

Perguntado sobre as alianças que faz com políticos de centro e direita e se elas podem prejudicar algumas pautas, Lula disse que um presidente não tem de ser de esquerda ou direita, mas tem de conhecer a realidade do país. “A arte de governar é diferente da arte de reivindicar. Você precisa colocar em prática o que você falou”, ressaltou. “Nessa campanha, eu vou dar mais importância para a campanha de deputados do que a campanha presidencial. Qualquer presidente eleito hoje, com o orçamento secreto, teria muita dificuldade de governar este país. Nunca antes na história deste país teve um presidente tão rastejante diante do Congresso Nacional.”

Youtube/Reprodução



O ex-presidente criticou o “desmonte das coisas” no Brasil

econômico. “Eu acho que o Brasil está numa situação muito difícil. Vamos encontrar um Brasil mais quebrado do que eu encontrei em 2003, com mais inflação, mais desemprego, menos massa salarial. Temos muito menos credibilidade interna e externa, e temos uma coisa mais grave

que é o desmonte das coisas que funcionavam no Brasil”, criticou. Na entrevista, Lula fez acenos aos evangélicos. Questionado sobre a dificuldade de aproximação com os religiosos, que compõem grande parte da base de Bolsonaro, o ex-presidente destacou que não se pode “confundir o povo

Lula sobre indulto: “Estúpido”

» VICTOR CORREIA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disparou contra o presidente Jair Bolsonaro (PL) pelo indulto concedido ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ). O petista disse que o chefe do Executivo quis “fazer graça” e o chamou de “estúpido”.

“Eu acho que Bolsonaro foi estúpido na decisão que ele tomou, nessa graça que ele fez. Eu acho que isso foi medíocre, e eu só não comentei nada porque tudo o que ele queria é o que aconteceu. Ele abafou o carnaval. Tudo que ele quer é que tenha uma permanência no noticiário”, afirmou, em entrevistas para youtubers e jornalistas, ontem.

Lula enfatizou que Bolsonaro não governa o país, mas vive de criar polêmicas e fake news e de atacar instituições democráticas. Ele ainda responsabilizou o presidente por “pelo menos metade” das pessoas que morreram durante a pandemia da covid-19 pela falta de ações na área da saúde.

Ele também destacou a situação atual do país no campo

Em Brasília, Doria segue na luta

» VINICIUS DORIA

O pré-candidato do PSDB à Presidência da República, João Doria, aterrissou ontem à noite em Brasília. Ele ficará na cidade até amanhã, com agenda que mistura eventos públicos e muitas conversas de bastidor. O ex-governador paulista corre contra o tempo para viabilizar sua candidatura, seja em consórcio com outros partidos de centro, seja

em voo solo. Apesar da rejeição ao seu nome, não só dentro do PSDB quanto nas legendas que tentam construir a chapa da terceira via, Doria não dá sinais de que vá desistir da disputa.

O ex-governador sabe que não conta com a simpatia dos caciques do autodenominado centro democrático, que costura uma alternativa que envolva a senadora Simone Tebet (MDB-MS) como cabeça de chapa. Nos

próximos dias, ele vai tentar convencer os companheiros de sigla a ficar unidos em torno do nome dele enquanto estiver no ar a propaganda partidária tucana, que começou a ser veiculada ontem no rádio e na tevê e será exibida até 10 de junho. Ele se apoia na legitimidade das pré-vias do PSDB, que validaram seu nome para a disputa presidencial, e já conseguiu, ao menos, uma trégua com o ex-governador

gaúcho Eduardo Leite, que declarou apoio à pré-candidatura oficial.

A aposta da coordenação da pré-campanha é que, com as peças publicitárias e as viagens que fará pelo país nas próximas semanas, João Doria consiga melhorar a posição nas pesquisas.

Hoje, ele participa, em Brasília, da Marcha dos Prefeitos, organizada pela Confederação Nacional dos Municípios.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



A longa angústia da terceira via

A angústia se caracteriza por uma situação na qual a pessoa se sente ameaçada por algo que pode acontecer, o que leva à preocupação excessiva, causa irritabilidade e insegurança, provoca dor de cabeça e até dores musculares, além de alterações na frequência cardíaca. Na política, além desses sintomas, a angústia pode provocar uma sequência de atitudes equivocadas, atritos e desavenças que, muitas vezes, só colaboram para que a ameaça se concretize. É o que acontece com alguns protagonistas da terceira via, que continuam se digladiando, em vez de buscar o verdadeiro entendimento.

Uma das causas da angústia é óbvia: a polarização entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL) está cada vez mais cristalizada, segundo as pesquisas de intenção de voto. Há três fatores principais. O primeiro: ambos têm uma base eleitoral muito resiliente, com identidade ideológica e organicidade. Lula em razão de um partido enraizado na sociedade; Bolsonaro devido à relação, por meio de redes sociais, com setores da sociedade com os quais se identifica, como militares, policiais, caminhoneiros, garimpeiros, ruralistas, atiradores etc.

O segundo fator são as realizações à frente do governo, o que força uma comparação entre a vida de antes e a de agora, em termos de renda, emprego, qualidade de vida e por aí vai. Lula deixou o governo em 2010, com o país crescendo a uma taxa de 7,5% e inflação de 5,9%; neste ano, o governo Bolsonaro projeta uma taxa de crescimento de 0,56% e uma taxa de inflação de 7,65%, segundo o último boletim Focus do Banco Central.

O terceiro é a rejeição dos dois candidatos, que se retroalimenta, na medida em que não surge uma candidatura mais robusta de terceira via. Pesquisa FSB, divulgada na segunda-feira, mostra que a rejeição ao ex-presidente Lula, em um mês, foi de 41% para 45%; o número de eleitores que não votariam de jeito nenhum em Bolsonaro oscilou de 57% para 55%. Cada um trabalha a rejeição do outro como um fator decisivo da eleição.

No campo da terceira via, o pré-candidato mais rejeitado é o ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB). Em março, 57% disseram que não votariam no tucano de jeito nenhum. Agora, são 63%. O pedetista Ciro Gomes é rejeitado por 49% dos entrevistados. Em março, o ex-governador tinha 41%.

Nas intenções de voto Lula lidera com 41% contra 32% de Bolsonaro. Em março, o petista tinha 43% e o atual presidente marcava 29%. Na pesquisa espontânea, que sinaliza o voto mais cristalizado, Lula tem 38% e Bolsonaro, 30%. Ciro Gomes tem 4%, e os demais candidatos, somados, 4%. Os indecisos seriam apenas 16%, enquanto 10% não votariam. É ou não é uma razão para a angústia dos articuladores da terceira via?

Campanha

Outra razão é o calendário eleitoral. Teremos uma campanha muito curta. Entre 20 de julho e 5 de agosto serão realizadas as convenções partidárias para deliberar sobre coligações e escolher candidatas e candidatos à Presidência da República e aos governos de estado, bem como aos cargos de deputado federal, estadual e distrital. Legendas, federações e coligações têm até 15 de agosto para solicitar o registro de candidatura dos escolhidos.

Até lá, são pelo menos 90 dias de pré-campanha, na qual os possíveis candidatos articulam seus palanques e cuidam das chapas proporcionais e da estratégia de marketing, num cenário em que o diabo mora nos detalhes, ou seja, nas disputas regionais. Basta ver o impacto que o cenário eleitoral de São Paulo, o maior colégio eleitoral do país, no qual o candidato tucano Rodrigo Garcia tem apenas 6% de intenções de voto, está tendo na pré-campanha de Doria, um dos candidatos da chamada terceira via.

Os outros são Simone Tebet (MDB) e Luciano Bivar (União Brasil). Os três somados, hoje, têm o mesmo peso eleitoral de Ciro Gomes. Há uma expectativa de que se chegue a um acordo entre os partidos da terceira via em 18 de maio; a maior probabilidade, porém, é que isso não ocorra, porque ninguém acumulou força suficiente e o prazo de registro de candidatura, diante da fraqueza de todos, estimula um tempo maior de decantação.

A eleição para a Presidência parece um jogo de cartas marcadas, porém, não é; muita água vai rolar antes e após o início da campanha eleitoral, que só começa em 16 de agosto. O primeiro turno do pleito será no primeiro domingo de outubro, dia 2; o segundo, no dia 30 do mesmo mês. Façam suas apostas.

A ELEIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA PARECE UM JOGO DE CARTAS MARCADAS, PORÉM, NÃO É; MUITA ÁGUA VAI ROLAR ANTES E APÓS O INÍCIO DA CAMPANHA ELEITORAL, QUE SÓ COMEÇA EM 16 DE AGOSTO